

Verificação empírica da estrutura fatorial da Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) em jovens religiosos e leigos

Empirical verification of factorial structure of Multidimensional Scale of Reactivity Interpessoal (MSRI) in young religious and lay

*Nilton S. Formiga**
*Gisélia Soares Tavares***
*Gilmara Moreira de Vasconcelos***

Resumo

A empatia é compreendida como a capacidade da pessoa em inferir seus sentimentos e pensamentos, a partir do conhecimento adquirido e se colocar no lugar do outro respondendo afetivamente de forma mais adequada em relação ao outro e a situação do entorno experienciada pela pessoa. Estudos no Brasil adaptaram, validaram e confirmaram a estrutura trifatorial da Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI); o presente estudo pretende verificar a estrutura fatorial da EMRI em jovens em contextos religiosos e não religiosos (leigos). 200 sujeitos, homens e mulheres, de 14 e 27 anos, da rede pública de educação e de igrejas evangélicas na cidade de João Pessoa-PB; estes, responderam a EMRI e um questionário demográfico. Observou-se que na amostra total e, especificamente, na amostra de jovens leigos e religiosos, a escala apresentou indicadores psicométricos e escores lambdas com associações positivas entre os fatores. Tais achados garantiram a estrutura tetrafatorial, previamente proposta pelo autor da escala original e que vem sendo encontrada em sua semelhante organização fatorial, por outros autores brasileiros.

* Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; atualmente é professor no curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: nsformiga@yahoo.com.

** Alunas e colaboradoras do projeto do curso de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau – JP.

O resultado desse estudo, aponta, conceitual e empiricamente, independente da diversidade amostral, para a confiabilidade da EMRI em jovens, podendo ser utilizada com segurança na mensuração desse construto da empatia.

Palavras-chave: *empatia, jovens religiosos, leigos, estrutural fatorial, confiabilidade.*

Abstract

Empathy is understood as a person's ability to infer their feelings and thoughts, from the knowledge acquired and put yourself in the other affectively responding more adequately relative to each other and the situation surrounding experienced by the person. Studies in Brazil adapted, validated and confirmed the three-factor structure of the Multidimensional Scale of Interpersonal Reactivity (EMRI), the present study investigated the factorial structure of EMRI in young in religious contexts and not religious (lay). 200 subjects, men and women, 14 to 27 years, from public school and evangelical churches in the city of João Pessoa; these responded to EMRI and demographic questionnaire. It was observed that the total sample, and specifically in the sample of young lay people and religious, scale indicators presented psychometric scores and lambdas with positive associations between factors. These findings ensured tetrafatorial structure, previously proposed by the author of the original scale and has been found in a similar organization factor, in other Brazilian studies. The result of this study shows, conceptually and empirically, independent of sample diversity to the reliability of EMRI in young and can be safely used in the measurement of this construct of empathy.

Keywords: *Empathy, young religious, lay, structural factor; reliability.*

INTRODUÇÃO

A empatia é definida como a capacidade que uma pessoa tem de colocar-se no lugar do outro (*role-taking*), inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por este processo, dar uma resposta afetiva mais adequada para a situação do outro do que para sua própria situação (Hoffman, 1991, 2003). Com isso, uma pessoa ao ser empática, provavelmente, perceber-se-á como sendo aquela que é capaz de experimentar emoções, pensamentos e ações vividas por outra pessoa, bem como, adotar o ponto de vista do outro, compreender as motivações e necessidades de e para a pessoa percebida, atribuir atitudes e comportamentos ao outro, tendo como foco de sua ação ajudar, agregar, cuidar, ser justo e solidário

com o outro (Batson, Eklund, Chermok, Hoyt & Ortiz, 2007; Batson, Tricia, Highberger & Shaw, 1995; Davis 1983; Hoffman, 2000; Sampaio, Camino & Roazzi, 2009; Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga, & Menezes, 2011).

Os estudos da empatia, mesmo não sendo um tema novo, pois, desde o início da ciência psicológica é um construto que vem interessado a muitos estudiosos e realizadas sob diferentes metodologias e aspectos empíricos dos estudos (Falcone et al. 2008; Formiga, Rique, Galvão, Camino, Mathias & Medeiros, 2011; Galvão, Camino, Gouveia & Formiga, 2010; Perez-Albeniz, De Paúl, Etxeberria, Montes & Torres, 2003; Wispé, 1990). Com isso, de acordo com os autores supracitados, dos muitos instrumentos que buscam mensurar a capacidade do sujeito se colocar cognitiva, afetiva e comportamentalmente no lugar do outro, é destaque que, o *Interpersonal Reactivity Index* (IRI – índice de reatividade interpessoal, Davis, 1980), considerada uma medida multidimensional para avaliação da empatia, tem sido uma as escalas mais utilizadas nos estudos sobre o tema.

Segundo Galvão, Camino, Gouveia e Formiga (2010), nos últimos cinco anos, foram encontrados 101 trabalhos empíricos, indexados ao PsycINFO, que relataram o uso da EMRI, comparados a 8 e 7 que utilizaram outros instrumentos, por exemplo, respectivamente, o *Questionnaire Measure of Emotional Empathy* (QMEE – questionário de emoção empática, Mehrabian & Epstein, 1972) e o *Hogan Empathy Scale* (HES – escala de empatia de Hogan, 1969). A EMRI tem se destacado nos estudos sobre o tema, em relação aos outros instrumentos, porque esta apresenta um caráter mais amplo na avaliação da empatia, bem como, por ser utilizada com frequência vem assumindo indicadores estatísticos com garantem sua acurácia (Formiga, 2012; Formiga, 2013).

A EMRI, considerada a escala de Davis (1980), possui originalmente quatro dimensões; duas destas avaliam a dimensão afetiva [angústia pessoal e consideração empática] e duas outras, a dimensão cognitiva [tomada de perspectiva e fantasia]. Especificamente, elas são definidas da seguinte forma: a angústia pessoal refere-se a um sentimento de tensão e desconforto, frente à condição de necessidade do outro, podendo gerar comportamentos de afastamento ao invés de comportamentos de ajuda; a consideração empática diz respeito à capacidade de avaliar e sentir como o

outro, de reconhecer os afetos e as necessidades do outro, podendo motivar a simpatia e a ajuda para com o outro; a tomada de perspectiva do outro refere-se à capacidade cognitiva voltada para a compreensão e coordenação de percepções do outro, que visem a solução de conflitos interpessoais e sociais. Por fim, a fantasia diz respeito à habilidade de se identificar com personagens ficcionais em novelas, filmes e romances e sentir, junto com eles, uma adesão involuntária as condições afetivas de alegria, tristeza, raiva etc. e/ou de necessidade do outro.

A EMRI tem sido traduzida e adaptada metodológica e empiricamente, para vários países (Cliffordson, 2001; DeCorte, Buisse, Verhofs-tadt, Roeyers ponnet & Davis, 2007; Escrivá, 2004; Kazmierczak, Plopa & Retowski, 2007; Koller, Ribeiro & Camino, 2002; Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga & Menezes, 2011; Siu & Shek, 2005); apesar de se encontrar alguma diferença na relação item-fator, situação que, provavelmente, se deve as diferenças nos contextos culturais em que ela é aplicada, a EMRI ainda tem sido a escala mais empregada para avaliar o referente construto.

No Brasil, a EMRI tem sido insistentemente aplicada e avaliada em diferentes amostras com o objetivo de avaliar a segurança de sua medida e estrutura fatorial (Formiga, 2013a; Formiga, 2013b; Formiga, Rique, Galvão, Camino, Mathias & Medeiros, 2011; Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga, & Menezes, 2011). Nestes estudos, os resultados tem revelado indicadores psicométricos que tem garantido a avaliação desse construto a partir de quatro dimensões, assim como, propunha Davis (1980). Diante do exposto sobre a EMRI, nota-se que esta escala tem contribuído para a compreensão do fenômeno empatia e explicação de inúmeras variáveis (Formiga, 2013; Formiga & Souza, 2012; Sampaio, 2007), porém, a fim de garantir a consistência estrutural da medida da empatia, estudos sob diversos aspectos metodológicos e empíricos devem ser realizados com o objetivo de garantir não somente a adequabilidade e acurácia dessa escala para outros contextos sócio-políticos mas, também, para diferentes sujeitos. Desta maneira, o presente estudo tem como objetivo central verificar a estrutura fatorial da EMRI em amostras antagônicas (isto é, jovens

envolvidos sistematicamente com atividades religiosas [grupo de oração, celebrações religiosas, vínculo institucional religioso, etc.] e jovens não envolvidos com atividades religiosas)

MÉTODO

Amostra

Participaram do estudo, 200 sujeitos da cidade de João Pessoa-PB, de 14 a 27 anos, homens (35%) e mulheres (65%); destes, 51% eram de uma instituição religiosa evangélica e 49% do nível médio de uma escola pública da mesma cidade. Esta amostra foi não-probabilística, isto é, de conveniência, tendo participado as pessoas que, convidadas, aceitaram colaborar.

Instrumentos

Os sujeitos responderam um questionário com os seguintes instrumentos:

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI. Trata-se de um instrumento elaborado por Davis (1983) e adaptado em sua versão original por *Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011) para o contexto brasileiro e corroborado, com suas quatro dimensões, no estudo de Formiga, Sampaio, Guimarães e Camino (2012)*. O instrumento é composto por 26 sentenças que descrevem comportamentos, sentimentos e características relacionadas à empatia, que são utilizadas para avaliar as seguintes dimensões da empatia:

- Angústia pessoal (AP) – avalia as sensações afetivas de desconforto, incômodo e desprazer dirigidas para o *self*, quando o indivíduo imagina o sofrimento de outrem (por exemplo, *Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda; Fico apreensivo em situações emergenciais, etc.*);
- Consideração empática (CE) – esta dimensão relaciona-se aos sentimentos dirigidos ao outro e à motivação para ajudar pessoas em

necessidade, perigo ou desvantagem (Ex: *Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente; Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo, etc.*);

- Tomada de perspectiva (TP) – mede a capacidade cognitiva do indivíduo de se colocar no lugar de outras pessoas, reconhecendo e inferindo o que elas pensam e sentem (Ex: *Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico; Tento compreender meus amigos imaginando como eles vêem as coisas, etc.*);
- Fantasia (FS) – a primeira designa a habilidade de se colocar no lugar de outras pessoas, tomando suas perspectivas e imaginando o que elas pensam ou sentem; a subescala de fantasia avalia a tendência de transpor a si mesmo imaginativamente, colocando-se no lugar de personagens de filmes e/ ou livros (Ex: *Tenho facilidade de assumir a posição de um personagem do filme; Depois de ver uma peça de teatro ou um filme sinto-me envolvido com seus personagens, etc.*).

Cada uma destas subescalas é composta, por uma quantidade específica de itens: FS e CE, sete proposições, AP e TP, seis proposições. Todas elas foram avaliadas por escalas *likert*, que variam de 1 (“não me descreve bem”) a 5 (“descreve-me muito bem”). Escores mais altos indicam níveis mais elevados em cada uma dessas dimensões e a soma dos escores de todas as subescalas é utilizada para calcular o nível global de empatia. O item 2 (*Sou neutro quando vejo filmes*) deve ter sua pontuação invertida, pois foi elaborado na direção contrária a dos demais itens da escala.

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996; ANPEPP, 2000) para pesquisa com seres humanos.

Administração

Para a aplicação do instrumento, o responsável pela coleta dos dados contactou diretamente os diretores e/ou coordenadores das instituições de ensino pesquisadas. Em seguida, pediu autorização, junto aos professores, para ocupar uma aula e aplicar os questionários. Após ser autorizado, o responsável pela coleta de dados apresentou, de forma sumária, os objetivos da pesquisa aos estudantes, os convidando para participar voluntariamente do estudo. Aos estudantes foi dito que não havia resposta certa ou errada e que eles não deveriam se sentir obrigados a responder aos questionários, podendo desistir a qualquer momento, seja quanto tivesse o instrumento em suas mãos ou ao iniciar a leitura, ou em outra eventual condição. Quanto aos menores de idade um responsável (especificamente, quando na escola o professor ou orientadora pedagógica estava no apoio para esclarecer e orientá-lo na leitura, mas, na igreja, estavam presentes o pastor ou um leigo monitor das reuniões religiosas e que, também, contribui na aplicação e orientação dos mais novos).

A todos foi assegurado o anonimato das suas respostas, enfatizando que elas seriam tratadas estatisticamente em seu conjunto. Apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para serem respondidos individualmente, um aplicador, previamente treinado, esteve presente para apresentar os instrumentos, para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis, e, para conferir a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes.

Análise de Dados

A tabulação e a análise dos dados foram efetuadas por meio do pacote estatístico SPSS – versão 16.0. Porém, para a análise fatorial confirmatória, utilizou-se o programa AMOS 16. Este tipo de análise permite testar hipóteses específicas sobre a estrutura latente do modelo (por exemplo, número de fatores, cargas fatoriais), apresentando os respectivos indicadores do

goodness, os quais possibilitam avaliar a qualidade de ajuste do modelo a que se propõe (Hair, Tatham, Anderson & Black, 2005; Tabachnick & Fidell, 2001; Van de Vijver & Leung, 1997), como por exemplo:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.
- O *Goodness-of-Fit Index (GFI)* e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI)* são análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados, explicadas pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,90, indicando um ajustamento satisfatório.
- Raiz Quadrada Média Residual (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskög & Sörbom, 1989).
- A *Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)*, com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de inadequação, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o *RMSEA* se situe entre 0,05 e 0,08, ou menos.
- O *Comparative Fit Index (CFI)* compara, de forma geral, o modelo estimado com o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).
- *Tucker-Lewis Index (TLI)*, apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de zero a um, com índice aceitável acima de 0,90 (Bilich, Silva & Ramos, 2006).
- O *Expected Cross-Validation Index (ECVI)* e o *Consistent Akaike Information Criterion (CAIC)* são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo em relação a outro. Valores baixos do *ECVI* e *CAIC* quando comparados os modelos expressa aquele que melhor se ajusta.

RESULTADOS

Assim, considerado e a título de lembrança o presente estudo pretendeu verificar a estrutura fatorial da EMRI em uma amostra de jovens religiosos (participantes de grupos de oração e práticas religiosas na igreja) e leigos (não religiosos e participação direta com religião); para isso, no pacote estatístico AMOS 16.0 realizou-se uma análise fatorial confirmatória. Testou-se o modelo proposto por Davis (1983), adaptado por Sampaio et. al. (2011) e corroborado por Formiga et al. (2012) para o contexto brasileiro, os quais, consideraram que o modelo tetrafatorial da EMRI é o que melhor representa a medida da empatia nas pessoas.

Para comprovar a estrutura proposta fixou-se as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores, esta, revelou indicadores de qualidade de ajuste em cada amostra garantindo o modelo hipotetizado e com indicadores estatísticos próximos às recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). De acordo com os resultados obtidos nas análises (ver Tabela 1), o modelo tetrafatorial, já proposto e observado pelos autores supracitados, apresentaram indicadores estatísticos que justificam tanto a sua consistência estrutural quanto a acurácia desse modelo em diferentes amostras. A fim de não deixar dúvidas sobre o modelo que se pretendia, comparou-se o modelo tetrafatorial com um modelo unifatorial (isto é, modelo que sugere o somatório de todos os itens em um único fator); buscou-se avaliar tanto para amostra total quanto para a seção amostral de jovens religiosos e não religiosos. Na tabela 1, é possível observar que os indicadores do modelo comparativo, foram menores do que o modelo tetrafatorial.

De forma, geral, seja com amostra total ou nas amostras com jovens religiosos e não religiosos, os indicadores estatísticos, revelaram-se próximos aos exigidos pela literatura estatística sobre modelagem estrutural; essa condição garante confirmar a perspectiva teórico-empírica do construto avaliado. Isto é, esses sujeitos são capazes de reconhecer as dimensões das habilidades empáticas. Além de tais indicadores, é destaque, considerando que as saturações (Lambdas, λ) estiveram dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$ revelando não existir problemas de estimação para

Tabela 1 – Indicadores psicométricos da estrutura fatorial da Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) de Davis em jovens de distintos contextos sócio-escolares

AMOSTRA	χ^2/df	RMR	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA (intervalo)	CAIC	ECVI (intervalo)
Amostra 1*	Unifatorial	0,10	0,88	0,81	0,89	0,88	0,07 (0,05-0,08)	1102,46	2,90 (2,67-3,10)
	Tetrafatorial#	0,06	0,94	0,97	0,99	0,99	0,01 (0,01-0,03)	1051,68	2,41 (2,39-2,59)
Amostra 2**	Unifatorial	0,13	0,80	0,78	0,80	0,72	0,07 (0,01-0,03)	1049,80	6,09 (5,61-6,64)
	Tetrafatorial#	0,07	0,93	0,91	0,98	0,99	0,02 (0,01-0,04)	860,31	4,67 (4,27-5,07)
Amostra 3***	Unifatorial	0,11	0,83	0,74	0,91	0,84	0,06 (0,04-0,08)	1069,38	6,67 (5,30-6,19)
	Tetrafatorial#	0,08	0,92	0,90	0,97	0,98	0,04 (0,01-0,06)	1066,72	5,31 (5,06-5,73)

Notas: *Amostra total; ** Amostra jovens religiosos; *** Amostra jovens leigos. # $p > 0,05$.

o modelo proposto, pois, elas foram estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96, p < 0,05$), que as associações lambdas estiveram todas associadas entre si; essa condição corrobora que a estrutura psicométrica é composta por quatro fatores [Consideração Empática (CE), Angústia Pessoal (AP) e Tomada de Perspectiva (TP) e Fantasia (FS)] e que mensuram a empatia assumida entre os sujeitos. Estes fatores, por sua vez, apresentaram lambdas (λ) associativos que estiveram dentro do intervalo esperado; na amostra total os lambdas foram de 0,45 a 0,89, na amostra de jovens religiosos 0,45 a 0,91 e na amostra de jovens não religiosos 0,35 a 0,87 (ver tabela 2).

Considerando os resultados da análise fatorial confirmatória nestas amostras é possível salientar a consistência da EMRI, a qual, composta pelos quatro fatores e que se revelou adequada à associação item-fator de sua mensuração em jovens de diferentes contextos para o fator da consideração empática, tomada de perspectivas, angustia pessoal e fantasia. Nestas amostras, observou-se que medida de empatia apresentou indicadores consistentes e estrutura fatorial semelhante as encontradas em estudos brasileiros (Formiga, 2013; Formiga, Sampaio, Guimarães & Camino, 2012; Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga & Menezes, 2011). Reconhecida, então, a consistência da estrutura da escala EMRI nestas amostras, procurou-se avaliar as diferenças, em relação aos jovens religiosos e não religiosos em relação a pontuação média das respostas deles nas dimensões da empatia. Para isso, efetuou-se uma ANOVA one-way observando os seguintes resultados:

- em relação a consideração empática, os escores médios das respostas dos jovens religiosos (Média = 28,18, DP = 4,42; IC_{95%} – 27,30-29,06) foi superior ao comparar ao escore dos jovens não religiosos (Média = 24,89 DP = 4,54; IC_{95%} – 23,99-25,80) [$F(1,198) = 29,76, p < 0,01$];
- no que diz respeito a tomada de perspectiva, também, foi observado que os escores médios das respostas dos jovens religiosos (Média = 23,63, DP = 3,80; IC_{95%} – 22,87-24,39) foi maior do que o escore dos jovens não religiosos (Média = 20,07 DP = 3,35; IC_{95%} – 19,41-20,74) [$F(1,198) = 9,37, p < 0,01$];
- no que se refere a angustia pessoal, os resultados também revelaram que os escores médios superiores foram para as respostas dos jovens

Tabela 2 – Associações lambdas (λ) da estrutura fatorial entre as dimensões da EEG em jovens de diferentes contextos escolares

Fatores	EEG amostra total				EEG amostra de jovens religiosos				EEG amostra de jovens leigos			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)	(λ)
CE	---				---				---			
TP	0.80	---			0.71	---			0.78	---		
AngP	0.61	0.65	---		0.57	0.62	---		0.52	0.63	---	
FS	0.50	0.45	0.89	---	0.77	0.45	0.91	---	0.49	0.35	0.87	---

Notas: $p < 0,05$; CE = Consideração Empática; TP = Tomada de Perspectiva; AngP = Angústia Pessoal e FS = Fantasia.

religiosos (Média = 21,38, DP = 4,29; IC_{95%} – 20,52-22,23) do que para os jovens não religiosos (Média = 19,17 DP = 4,31; IC_{95%} – 20,52-22,23) [$F(1,198 = 12,97, p < 0,01)$]; por fim, em relação a dimensão de fantasia, os escores não se diferenciaram entre os dois grupos, sendo assim, não significativo.

De forma geral, ao salientar os resultados da análise de variância (Anova one-way) é possível destacar que os jovens religiosos apresentaram médias superiores em relação às dimensões empáticas comparadas as médias das respostas dos demais jovens; especialmente, na consideração empática, tomada de perspectiva e angustia pessoal. Tais achados podem ser refletidos a partir da perspectiva assumida pelas pessoas que conduzem a prática religiosa para esses jovens; apesar deles inserem-se, religiosamente, em uma dinâmica atitudinal que contempla a dimensão mística no seu pensar, sentir e agir, a formação religiosa aderida pelos jovens tem um foco numa perspectiva didática e educacional quanto a atitude que eles devem assimilar, não apenas em relação a DEUS, Deus mas, também, em relação ao homem e o seu entorno social, principalmente, no que diz respeito a colocar-se no lugar do outro e agir em relação de forma pró-social, visando à evolução espiritual ou social, desenvolvendo com isso, melhor sensibilidade frente às pessoas e seu entorno.

Um estudo que contemplou também grupos antagônicos foi desenvolvido por Formiga, Barbosa, Galvão e Camino (2013) com jovens de escola da polícia militar e de escolas públicas; de acordo com os autores, a escala não apenas revelou indicadores psicométricos confiáveis e que garantiram a avaliação da empatia para ambos os jovens sob as dimensões da consideração empática, tomada de perspectiva e angustia pessoal, mas, que também, ao separar as amostras e realizar a avaliação psicométrica, nas duas amostras os jovens reconheceram os construtos da empatia; essa condição permitir refletir na direção de que, sejam estes, jovens militares ou não, todos reconheceram a empatia em suas vidas.

Destacar que os melhores resultados estiveram para os jovens religiosos, faz-se necessário um esclarecimento: ao considerá-los, não se deve focar o estudo na direção de que todos os jovens que precisem desenvolver

melhor uma dimensão afetiva e cognitiva das habilidades empáticas, necessariamente, devam fazer parte de uma religião ou uma crença espiritual, mas, não pode deixar de fazer referência que o trabalho das pessoas nas igrejas com os jovens respondentes, não apenas poderá contribuir para o desenvolvimento espiritual, mas, que a atividade didático-religiosa tem contribuído também, para o desenvolvimento de habilidades empáticas desses jovens.

O construto em questão, independente do contexto social e religioso em que os sujeitos estão inseridos, permite afirmar que os jovens são capazes de reconhecer e avaliar a empatia; sendo assim, seria importante, a partir da perspectiva religiosa, desenvolver atividades educacionais e sociais que investissem no fortalecimento da situação-sujeito fomentando neles não apenas a preocupação com o outro, mas, uma ressonância interpessoal. De acordo com esses autores, isto pressupõe que a pessoa ao acessar espaços cognitivos ou afetivos da empatia, provavelmente, tenderá a busca pelo respeito, compreensão do outro e a inserção no espaço psicossocial do sujeito e suas experiências. Com isso, julga-se que aquele sujeito que procure colaborar com o outro disporá tanto de aberturas no seu espaço interpessoal do sentir e pensar no outro quanto será mais sensível a percepção da situação em que o outro está envolvido, colocando-se no lugar do outro, sentir o que o outro sente e motivar-se à ajuda (Alves, 2008; Axelrod & Hamilton, 1981; Formiga, Rique, Galvão, Camino & Mathias, 2011; Lencastre, 2010).

A partir desses resultados espera-se que tenha alcançado o objetivo do estudo, especialmente, em relação à verificação da estrutural fatorial da escala de empatia (EMRI); corrobora-se com isso, não somente a estrutura psicométrica da EMRI, mas, também, a confiança e consistência da mensuração, avaliação e operacionalização do construto da empatia em jovens religiosos e não religiosos. Os resultados permitem afirmar, a partir dessa medida, que os sujeitos são capazes de avaliar a capacidade empática em relação à outra pessoa conduzindo-se a uma dinâmica interpessoal qualitativa no seu entorno com os outros.

Por fim, no que diz respeito à verificação da consistência estrutural da EMRI é importante salientar que tanto o presente estudo como os desenvolvidos por outros autores brasileiros foram analisados a partir de amostra do Brasil (Formiga, 2013; *Formiga, Sampaio, Guimarães & Camino, 2012*; *Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga & Menezes, 2011*); essa condição significa que, ao se considerar os resultados deste estudo em outros contextos sociais, políticos, econômicos e religiosos, devem-se deve-se ter em conta as dimensões locais, específicas ou exclusivas – *emics* – da cultura em que os produziu, bem como, e não menos importante, as suas dimensões universais – *etics* – (Muenjohn & Armstrong, 2007; Triandis et. al., 1993; Triandis, 1996; Van De Vijve & Leung, 1997).

Desta forma, em futuros estudos sugere conhecer os aspectos que podem ser comuns as outras culturas e aqueles que são específicos, o que contribuirá para consolidar um marco na teoria e na mensuração da empatia, já que, hipoteticamente, é possível encontrar variações desse construto ao considerar diferentes variáveis, por exemplo, as sociodemográficas e geo-políticas geopolíticas (Formiga, 2013). Nessa direção, seria importante reunir evidências da validade e precisão intra, inter e pancultural, capaz de avaliar a validade (de critério ou a convergente) com construtos correlatos, bem como conhecer a estabilidade temporal (teste-reteste) e replicá-la com amostras maiores e diversificadas em relação às características dos participantes. Seria também muito importante o desenvolvimento de estudos que garantam a avaliação do presente construto focalizando a avaliação do desenvolvimento psicológico dos jovens sujeitos (por exemplo, adolescentes, jovens adultos, adultos e idosos) vindo com isso, consolidar um instrumento psicológico avaliador da empatia.

REFERÊNCIAS

Alves, P. M. S. (2008). *Empatia e ser-para-outrem: Husserl e Sartre perante o problema da intersubjectividade. Estudos e pesquisas em psicologia*, 8 (2), 334-357.

- Associação nacional de pesquisa e pós-graduação em psicologia – ANPEPP (2011). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS nº. 196/96 e CFP Nº 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://www.anpepp.org.br/XIISimposio/Rel_ComissaoEticasobre_Res_CNS_e_CFP.pdf.
- Batson, C. D.; Eklund, J. H.; Chermok, V. L.; Hoyt, J. L. & Ortiz, B. G. (2007). An additional antecedent of empathic concern: valuing the welfare of the person in need. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93 (1), 65-74.
- Batson, D. C.; Tricia, R. K.; Highberger, L. & Shaw, L. L. (1995). Immorality From Empathy-Induced Altruism: When Compassion and Justice Conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (6), 1042-1054.
- Bilich, F.; Silva, R.; Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3 (2), 93-122.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. Londres: Lawrence Erlbaum.
- Cliffordson, C. (2001). Parent´s judgments and student´s self-judgments of empathy. *European Journal of Psychological Assessment*, 17, 36-47.
- Conselho Nacional de Saúde – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm.
- Davis, M.H. (1980). A multidimensional approach to individual differences in empathy. *Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, 85, 1-17.
- _____. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of personality and social psychology*, 44, 113-136.
- DeCorte, K., Buysee, A., Verhofstadt, L., Roeyers, H., Ponnet, K. & Davis, M. (2007). Measuring empathic tendencies: Reliability and validity of the Dutch version of the Interpersonal Reactivity Index. *Psychologica Belgica*, 47 (4), 235-260.

- Escrivá, V. M., Navarro, M. D. F., & Garcia, P. S. (2004). La medida de la empatía: Análisis del interpersonal reactivity index. *Psicothema*, 16 (2), 255-260.
- Falcone, E. M. O., Ferreira, M. C., Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., Faria, C. A., D'Augustin, J. F. & Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (IE): Desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica*, 7, 321-334.
- Formiga, N. S. (2012). Um estudo intracultural da consistência estrutural da escala multidimensional de reatividade interpessoal (EMRI). *Revista Salud & Sociedad*, 3 (3), 251-262.
- _____. (2013). A mensuração da empatia: Propriedade psicométrica da consistência de sua estrutura fatorial. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 33 (84), 41-52.
- Formiga, N., Rique, J., Galvão, L., Camino, C. e Mathias, A. (2011). Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal – EMRI: consistência estrutural da versal reduzida. *Revista Psicologia*, Trujillo (Perú), 13(2), 188-198.
- Formiga, N. S. & Souza, M. A. (2012). Tipo de orientação cultural e empatia em brasileiros: verificação de um modelo teórico. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3, 139-161.
- Galvão, L.; Camino, C.; Gouveia, V. V. e Formiga, N. S. (2010). Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: Validade fatorial e consistência interna. *Psico*, 41 (3), 399-405.
- Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E. & Black, W. (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hoffman, M. L. (1991). Empathy, social cognition and moral action. Em: W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Orgs.), *Handbook of moral behavior and development*. Vol. 1. New Jersey: LEA.
- _____. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.
- Hogan, R. (1969). Development of an Empathy Scale. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33, 307-316.
- Joreskog, K. & Sörbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.

- Kazmierczak, M., Plopa, M. & Petowski, S. (2007). *Empathic sensitiveness scale. Przegląd Psychoogiczny, 50* (1), 9-24.
- Koller, S. H., Ribeiro, J. & Camino, C. (2002). Adaptação e validação de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de psicologia, 18* (3), 43-53.
- Lencastre, M. P. A. (2010). Bondade, Altruísmo e Cooperação. Considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. *Revista Lusófona de Educação, 15*, 113-124.
- Mehrabian, A. & Epstein, N. (1972). A measure of emotional empathy. *Journal of Personality, 40*, 525-543.
- Muenjohn, N. & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The influence of culture on the leadership behaviors of expatriate managers. *International Journal of Business and Information, 2*, 265-283.
- Perez-Albeniz, A., De Paúl, J., Etxeberria, J., Montes, M. P., & Torres, E. (2003). Adaptación de Interpersonal Reactivity Index (IRI) al español. *Psicothema, 15*, 267-272.
- Sampaio, L. R. (2007). *Produtividade, necessidade e empatia: Relações entre julgamentos distributivos, consideração empática e tomada de perspectiva*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Sampaio, L. R.; Camino, C. P. S. & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: ciência e profissão, 29* (2), 212-227.
- Sampaio, L. R.; Guimarães, P. R. B.; Camino, C. P. S.; Formiga, N. S. & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico, 42* (1), 67-76.
- Siu, A. M. H., & Shek, D. T. L. (2005). Validation of the *Interpersonal Reactivity Index* in a Chinese Context. *Research on Social Work Practice, 15*(2), 118-126.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2001). *Using multivariate statistics*. California: Allyn & Bacon.

- Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407-415.
- Triandis, H. C. e cols. (1993). Na etic-emic analysis of individualism and collectivims. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 24, 366-383.
- Van de Vijver, F. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Wispé, L. (1990). History of the concept of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development*. (pp 17-37). New York: Cambridge University Press.